

Falta de tempo preocupa

Entre os ingredientes que conduzem ao executivo estressado, está a dificuldade dessa elite das empresas em administrar o seu próprio tempo no ambiente de trabalho. Com 20 anos de mercado, a Organização, Planejamento e Consultoria (OPC), especializada no assunto, conferiu os seminários que realizou com 12 mil participantes de 530 empresas. E descobriu uma verdadeira *ditadura* da urgência em detrimento do que é realmente importante nas decisões, tudo sobrecarregando o dia-a-dia do executivo.

“Ele começa a perceber que não pode se concentrar em um assunto por mais de dez minutos. A vida toda é programada pelos outros”, explica Luiz Augusto Costacurta Junqueira, diretor da OPC. A pesquisa indicou que os executivos chegaram ao final de 1990 consumindo 26% do seu tempo com reuniões, 25% com entrevistas, 19% em documentação e 9% com telefonemas. Os 21% restantes incluem os diversos, e 7% representariam o tempo gasto em tarefas criativas — o restante diz respeito a deslocamentos.

Os executivos apontaram como o maior problema, na administração do tempo, a interrupção de entrevistas por



Luiz Costacurta

pessoas ou documentos. Depois, precisar atender pessoas sem horário previamente marcado, tumultuando o planejamento. Em seguida apareceu o excesso de papelada. As viagens em demasia ficaram em último lugar como os pontos de estrangulamento.

Mais casos — Junqueira cita um número utilizado dentro da OPC, para se ter uma noção do quadro clínico dos executivos brasileiros. A estimativa é de que tenha acontecido um aumento da incidência de stress em torno dos 50% nos últimos 12 meses, comparado com 1989. E não se deve esperar melhoras, quando se avalia mais detalhadamente a situação atual da economia do país e o reflexo no dia-a-dia das empresas.

“Aumentou a responsabilidade e a carga de trabalho dos executivos”, avalia o diretor da OPC. Além disso, cresceu também a cobrança pelos resultados, forçando uma diminuição do prazo de expectativas.

Nos Estados Unidos, explica Junqueira, na prevenção para os problemas de saúde dos executivos, as companhias não investem apenas na área médica. Já não é raro encontrar a diminuição do tempo de serviço, com recursos como o fax e reuniões através de um sistema como o da TV Executiva brasileira. “O custo de um executivo perdido é terrível. Nas multinacionais é uma preocupação que sempre existiu”, acentua. O diretor da OPC cita que, apenas em treinamento de seus executivos, as companhias norte-americanas investiram US\$ 40 bilhões no ano passado.